

Capítulo II

Paulo, deslumbrado, descobre o Alentejo

Na Praça do Areeiro, sob um fresco céu sem nuvens, à espera de Ana Roriz, Paulo tinha Francisco Sá Carneiro, degolado em estátua, à sua frente. «Pois, parecia que também eu tinha perdido a cabeça.» A sua mulher em Zurique e Paulo ali, fervendo de ansiedade, à espera de outra mulher, que não sabia sequer se era casada ou não. Não lhe tinha perguntado, aliás, esforçava-se por não lhe perguntar, por não querer saber. Nem Ana lhe perguntou se era casado, mas, com as funções administrativas que tinha, sabia de certeza qual era o seu estado civil.

Ana, que morava a dois passos da praça, na Avenida Almirante Reis, chegou no velho, frágil e cuidado Dois Cavalos. Paulo notou a curta aparadela que dera ao cabelo, a roupa quase alegre e o leve *bâton*. Estes cuidados que tivera consigo fizeram Paulo pensar que, de modo discreto, Ana se lhe oferecia como «uma prenda». Alentejana de Alcácer, a sedutora comunista propôs ir para o Alentejo. Paulo ainda não conhecia «o celeiro de Portugal», como tinha aprendido na escola primária. Com viagens por quatro continentes, doutoramento sobre a questão dos espaços em Camões e, «incrivelmente, não conhecia o Alentejo,

o maior espaço do meu pequeno país». Um buraco na sua biografia de português errante que sentia como «um pequeno grande pecado».

Atravessaram o Tejo, que descia sereno, pela ponte Vasco da Gama em plena hora de ponta. Ana conduzia bem. Prática, despachada, bons reflexos. «Conduz como um homem», pensou Paulo. Caiu-lhe mal o pensamento. Alargou-o logo para «Mas com uma sedução só dela. Será uma predadora de corações?!». Depois da ponte, fizeram mais de meia hora de paisagem sem interesse, plana, cortada apenas pelo morro de Palmela. De repente, como se uma cortina tivesse sido afastada, deu-se a explosão do deslumbramento. Pela primeira vez, Paulo deparou-se com o suave ondeado, o céu imenso, a sensação de espaço, o silêncio e as cores da terra alentejana. O chão do Alentejo ia passando do negrume das «terras do pão», como disse Ana, para o avermelhado do barro e para «a terra castanha, depois de charruada e semeada». Paulo viu os sobreiros e as azinheiras e os roxos cardos. «A paisagem levava-me os olhos atrás. Paixão à primeira vista. Como com a Ana?!»

– Vamos para Marvão?!

– Porquê Marvão?

– Fica longe... num alto...

Paulo gostava de tudo o que Ana dizia, «mas gostei ainda mais do olhar embevecido com que o dissera». Pararam em Évora. Estacionaram o carro no pequeno parque dentro do amuralhado, à entrada da Rua Cândido dos Reis. A primeira impressão que teve da cidade foi de «limpeza, silêncio e cores. O casario branco e amarelo, o chão cinzento-escuro, o forte azul do céu». Ana, levando-o pela mão por ruas estreitas e atapetadas de pedras irregulares, tomou mais vezes do que Paulo a iniciativa dos beijos. «Sentia-me comandado.» Depois de andarem às voltas por um emaranhado de ruas sem gente, só com um ou outro cão a deambular, foram dar à Praça do Giraldo. «Vi as arcadas árabes e senti o aconchego branco e amarelo da praça.»

– A Praça do Giraldo é como Roma: todos os caminhos vão até lá, quer dizer, até cá – disse Ana.

Mais ruelas e beijos e acabaram por entrar na Capela dos Ossos. Bem macabra a forma como os franciscanos, com as cinco mil caveiras e os muitíssimos ossos avulsos, lhes queriam fazer lembrar a fugacidade da vida. Leram o necrófilo lembrete «Nós ossos que aqui estamos pelos vossos esperamos». Em vez de se assustarem, riram. Na exaltação em que estavam, nada lhes podia meter medo. No regresso ao Dois Cavalos, Ana perdeu a orientação.

– Sabe, as mulheres e a orientação... e você desorienta-me — disse, rasgando mais um sorriso.

Teve de ser Paulo a descobrir o caminho na elaborada teia de séculos que foi erguendo Évora. Antes de se meterem novamente no carro, Ana propôs a Paulo conduzir. Recusou. A alentejana ficou contente, porque o minhoto a seu lado o que queria era «ver a sua bela terra e não ter de pregar os olhos no alcatrão». Saíram da cidade, rumaram a sul. Alguns quilómetros depois, viraram à direita e entraram em S. Manços. Estacionaram frente ao Restaurante Chico. Antes de entrarem, Ana puxou Paulo para si e beijou-o.

Sentaram-se a um canto do pequeno, bastante escuro e fresco restaurante. Chico, o dono que servia às mesas, apareceu. Ana pediu:

– Uma garrafa de Aragonês.

– Muito bem escolhida. É uma casta tradicional alentejana, como a Trincadeira e a Castelão — disse Chico. — O Aragonês é uma casta muito aneira.

Apercebendo-se da sua incompreensão, Ana explicou a Paulo o significado de «aneira», com o dono do restaurante muito atento à explicação.

– É isso mesmo! E para comer?!

Ana pediu duas doses de pezinhos de coentrada, duas sopas de beldroegas — Paulo não conhecia sequer a palavra — e, de sobremesa, um «pijama» e uma encharcada. Na mesa, já se perfilava à alentejana pão, azeitonas e um pequeno queijo duro cortado às fatias. Paulo tirou o miolo a uma fatia de pão e comeu-o com um bocado de queijo.

- Não come a côdea do panito?
- Não, só o miolo.
- Que bom! Assim tenho mais côdea para mim.

Levantou o queixo, olhou para o tecto, reflectiu, fez um sorriso travesso e disse:

- Somos complementares, não somos?! - e riu.
- Até parece que sim. O mole miolo para mim e a parte dura do pão... É uma mulher coriácea.
- Até parece que você é mole. Um comando?!
- Onde isso já vai... Pois, mas você amolece-me - disse e surpreendeu-se por não se achar meloso.

Tudo o que veio para a mesa era excelente. Os pezinhos de coentrada de Ana tiveram de ser «*bien salées*», como disse ao acrescentar sal. Paulo enumerou mentalmente «Café a ferver, côdea do pão e muito sal. Durezas da mulher de voz doce.» Ana bebia o Aragonês com o elegante mindinho levantado, mas sem afectação. Foi ficando cada vez mais vermelha e mais atrevida. Deu joelhadas meigas e pisadelas de algodão por baixo da mesa. Um almoço perfeito. Por isso mesmo, Paulo e Ana, que foram os primeiros a chegar, foram os últimos a deixar o restaurante. À saída, com a doce pancada do grande sol de Inverno, Paulo ficou momentaneamente cego. Recomeçou por ver o impositivo azul do céu, depois o debruado amarelo das casas térreas de cal branca e a seguir viu-se a si próprio reflectido no magnífico castanho da íris dos olhos junto ao seu ombro direito.

Ao som de risos e violinos, seguiram para Marvão. O encanto que os ligava mantinha-se inalterável e a paisagem soberba. Uma nova bela mulher para uma bela nova paisagem. «Merecem-se», pensou Paulo. Tudo indicava que se abria um capítulo novo em folha na sua vida. «E um novo sarilho?! Um segundo sarilho?!» Ana conduzia com prazer, trauteando, de vez em quando, uma moda alentejana. Por duas vezes, cantou *As mondadeiras cantando/suas penas, seus amores/ Não cantam, estão rezando/Num altar cheio de flores*. Paulo comparou as

plácidas planícies com as chanas do Leste de Angola. «Achei-as mais belas, mas sem a adrenalina do mato, do perigo.» Nas muito esparsas e brancas povoações, viu grupos de velhos a conversar, sentados em bancos de jardim ou em frente a tascas. «Tinham caras mais morenas, mais fechadas e mais compridas do que as dos nortenhos. Os montes isolados punham-me a imaginar sobre quem lá viveria.» Reparou que os sobreiros e os chaparros eram muito mais baixos e agarrados ao chão do que os pinheiros e os eucaliptos do seu Minho. Na vastidão alentejana, as vacas pastavam pacatamente num tempo fora de tempo. De longe a longe, um alentejano de lambreta cruzava-se com o Dois Cavalos.

Finalmente, ao «longe... num alto...», Marvão. Paulo espantou-se com a visão da vila branca no topo do imponente morro. Entardecia. Instalaram-se na pousada. Durante o jantar, Ana falou mais de si do que Paulo. Contida, mas não reticente, falou sobre a sua vida e condição «de militante comunista, desde o final da adolescência, mas, ultimamente, tenho andado um tanto afastada». Disse isto olhando significativamente para Paulo. Gostou do que ouvira a Ana, ao contrário da refeição, cheia de falsos requintes de apresentação, cara e sem interesse. «Senti uma rápida saudade do Chico.»

A primeira noite de Paulo e Ana, fisicamente, não falhou, apesar de dificuldades introdutórias.

– Agora já sabe – disse, com humildade, a sedutora Ana Roriz. Mas correu mal a conversa que se seguiu. Surpreendentemente, a dura, mas também muito risonha, Ana derivou para uma tentativa de conversa urbano-depressiva. Paulo estranhou. Dura e doce, já a sabia. «Mas depressiva?! Uma neurótica sujeita a depressões. Não alinhei.» Cortou-a de forma agreste:

– Ouve – tratou-a por tu pela primeira vez. – Autocompaixão, não! Pena de nós próprios?! Vamos todos morrer. Autocompaixão, não! Ana fechou a boca e «aninhou-se a um canto da cama. Despromovi-a. Passei-a de Ana a Aninhas». E Paulo pensou, com

amor, em Iza, que, «ao contrário de Ana, é de uma grande dureza sob a doçura e a bondade».

Dormiram mal, de costas um para o outro, afastados.

*